

POESIA E POEMA SÃO SINÔNIMOS?

Marta Cocco ¹

Esses dois substantivos têm causado confusão em estudos de teoria literária. Quando se indaga sobre a diferença conceitual, se são sinônimos ou não, uma boa resposta, para impulsionar a discussão, pode ser esta: SIM e NÃO.

Antes de desenvolvermos essas respostas, é preciso dizer que isto constitui problema mais recentemente. Quando a tradição literária era baseada em modelos, quando o mundo gozava de uma ilusão de estabilidade provocada por um tempo mais lento, em que as pessoas quase não percebiam as mudanças no intervalo de três ou quatro gerações, a fronteira entre termos, gêneros e entre tipologias pouco interessava. O conceito propriamente dito, sim. E o conceito gozava de estabilidade e confiança.

Para a leitura da poesia, como ofício profissional ou por puro deleite, a distinção entre os termos é o que menos importa. Mas, num contexto de ensino, quando as classificações, às vezes, têm uma função didática, pode ser relevante entender o que há de semelhança ou diferença entre dois termos aparentemente sinônimos.

Quando respondemos: **SIM**, existe diferença entre os conceitos, podemos começar deste modo. A poesia é todo processo de criação, que começa na relação entre o criador e aquilo que o motiva, o estimula, o inspira a criar: uma paisagem, uma paixão por alguém, um problema pessoal, um problema coletivo de ordem político-social, etc. Imaginemos a seguinte situação: é noite e há uma lua cheia no céu. Uma pessoa vê a lua, fica motivada, impelida a criar algo. Se tiver desenvolvido alguma habilidade artística, se for um pintor, por exemplo, poderá, com sua capacidade de manusear cores, tintas, efeitos de luz e sombra, contrastes, etc. fazer uma tela; se for músico, poderá fazer, com sua capacidade de manusear as notas, arranjos, harmonia etc, uma composição musical e depois registrá-la por escrito na forma de partitura ou gravar o

¹ Doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa da Unemat Campus de Tangará da Serra e do Programa de Pós-graduação Profletras – campus de Sinop. E-mail: coccomartahelena@gmail.com.

som num aparelho; se for escritor, mais especificamente poeta, com sua capacidade de combinar os elementos linguísticos escreverá um poema. Esse produto, o poema, é resultado não apenas da sua habilidade em compor versos, mas também da sua visão de mundo, que é ao mesmo tempo individual e coletiva. Isso se aplica às outras artes. A poesia é algo maior, mais amplo. O poema é o resultado final, o produto gerado, tal como uma tela, tal como uma composição musical. Vou dar outro exemplo, baseado numa crença religiosa que é partilhada entre a comunidade cristã. Imaginem que a poesia, como um conceito amplo, é como se fosse a concepção que temos de Deus. E o poema, mais restrito, é a concepção que temos de Jesus Cristo, que é o Deus encarnado em ser humano. Poesia é algo mais amplo e poema é o texto escrito ou falado. Ou seja, o poema é a encarnação, o texto no papel ou em outro suporte, como por exemplo, o computador. Desse modo, quando vamos escrever um artigo, uma dissertação, uma tese, ou simplesmente elaborar um plano de aula, ou apresentar o texto, escrito ou falado, é mais adequado usarmos o termo poema, pois estaremos especificando o gênero textual com o qual estamos trabalhando.

Hoje, nas escolas, a teoria dos gêneros, a partir dos postulados bakhtinianos, está muito difundida, quase todos os livros didáticos falam disso. Levando-se em conta essa abordagem, não se deve chamar o soneto, por exemplo, de gênero. O gênero é o poema que se desdobra em várias formas, algumas fixas (aquelas que seguem uma receita ditada pela tradição), soneto, haicai, cantiga, madrigal, quadra etc e outras, livres, como o poema que não segue nenhuma regra de composição, o chamado poema em versos livres, além do poema concreto, que se baseia na manipulação da parte verbal de modo que forme um objeto, uma figura, etc. Hoje, por conta da tecnologia, nos suportes digitais, temos o *cyberpoema*, além de outras formas que poderão surgir a qualquer momento.

Octávio Paz, na introdução do livro *O Arco e a Lira*² (1982), dedica as primeiras dezessete páginas a desfiar tais conceitos, dizendo que a poesia é um exercício do espírito, um método de libertação interior, conhecimento. Na poesia, segundo Paz, “o homem adquire a consciência de ser algo mais que passagem”. (p.15) A poesia, assim, é também legado, ao par de outros registros das vivências humanas.

² PAZ, Octavio. O arco e a lira. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

Em um ponto da explanação, o teórico faz esta distinção, partindo do conceito de poema advindo da tradição, em que os elementos composicionais como o metro regular eram fundamentais:

Nem toda obra construída sob a lei da métrica contém poesia. No entanto, essas obras métricas são verdadeiros poemas ou artefatos artísticos, didáticos ou retóricos? Um soneto não é um poema, mas uma forma literária, exceto quando esse mecanismo retórico – estrofes, metros e rimas – foi tocado pela poesia. [...] Por outro lado, há poesia sem poemas: paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos sem ser poemas. [...] Um poema é uma obra. O poético é poesia em estado amorfo. [...] O poema é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia. Forma e substância são a mesma coisa. (p.16, 17)

Ao lermos essas elaborações, ocorre-nos questionar de que modo saberemos se a poesia “tocou o poema”. Ele estaria se referindo ao que o formalismo russo chamava de *literariedade*, ou seja, a presença de elementos da organização do texto como o ritmo, a sintaxe, as figuras de linguagem e outros que conduzem ao efeito de *estranhamento*, a aquilo que chama a atenção por ter sido usado de um modo não comum? Será que Octavio Paz considerou as diferentes competências leitoras?

Essas questões, aparentemente simples, causariam uma inquietação no conceito de que inferimos de Octavio Paz, segundo o qual a poesia é aquele “algo” presente em um texto escrito em versos, com ou sem os elementos prestigiados pela tradição. Não é tarefa fácil a um leitor iniciante julgar um poema. Sabemos que, cada vez mais, esses julgamentos esbarram nas relativizações que a complexidade do conhecimento exige, sujeitas à influência do tempo e das culturas, entre outras. Nesse sentido, um poema pode conter poesia para uma pessoa letrada e com bom repertório de leituras, e não para outra que não consegue alcançar seus sentidos. Por outro lado, um mau poema, sob a ótica de um especialista, pode comover um leitor comum, fazendo-o (re)viver um estado de poesia.

No capítulo que Paz dedica à linguagem, dizendo que o ato da criação é, inicialmente, um ato de arrancar as palavras de um contexto usual para outro fim, como se tivessem acabado de nascer, ele menciona, como segundo ato, a participação do leitor. Se o primeiro ato é o de arrancar, desenraizar, o segundo é de retornar: “o poema é uma criação original e única, mas também é leitura e recitação – participação. O poeta o cria; o povo ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade”. (p. 47)

Continuando na questão proposta, quando respondemos **NÃO**, admitindo que não existe diferença entre os conceitos de poesia e poema, estamos nos referindo aos usos de ambos, na atualidade, como sinônimos. Quase virou uma convenção tratá-los assim e, entre os leigos, a diferença que apontamos acima, pouco ou nada importa. No frigid dos ovos, se a poesia está contida no poema, não há por que não chamá-lo de poesia. Se o poema não contém poesia, mereceria ser chamado de poema apenas por causa da forma? Creio que não, deveria ser apenas chamado de um texto que foi escrito em versos ou linhas descontínuas, mas não comporta outras especificidades do gênero.

Também para o **NÃO**, teríamos a delicada situação do juízo. Quem pode dizer, a partir de que critérios, o que é um bom ou mau poema ou uma boa ou má poesia?

Enfim, o estudo, que não precisa ser formal (pode advir da soma de leituras de poemas canônicos e populares), pode nos dar uma sensação de segurança e refinar nosso gosto a ponto de elegermos nossas preferências e emitirmos algum juízo. Cabe ao profissional da área de Letras conquistar um repertório de leituras, de experiências estéticas e, assim, desenvolver seu senso estético. No trabalho em sala de aula, especialmente com leitores iniciantes da educação básica, o mais importante é desenvolver o gosto pela leitura, com atividades bem planejadas.

Certamente, um bom profissional, com senso estético desenvolvido, saberá escolher os textos adequados para cada realidade e, sobretudo, levar em consideração, nas ações de letramento, a célebre frase: “é mais importante sentir do que entender a poesia”, do personagem que representa o poeta Pablo Neruda, no filme “O carteiro e o poeta”. Ao que podemos acrescentar que, às vezes, é justamente depois que entendemos que passamos a sentir, pois, como diz uma sentença popular, “ninguém ama o que não conhece”. Nesse ponto, reside a importância do trabalho profissional na escola que forma leitores, entrelaçando prazer e conhecimento.

Antonio Carlos Lima, poeta radicado em Cuiabá-MT, escreveu que “tudo vale a pena, se há alma e ao menos um poema”. No fim das contas, o desenvolvimento da sensibilidade para aprimorarmos nossa visão sobre a realidade, sobre o outro e sobre nós mesmos é que importa no ensino e na vida.

Recebido em 12/09/2019
Aprovado em 27/11/2019